

# O FUNDADOR DO OPUS DEI FALA PARA "LE FIGARO"

Pela actualidade que reveste e pela doutrina que contém, publicamos a seguir a tradução portuguesa da entrevista que em 16 de Maio deste ano ao jornalista de «Le Figaro», J. Guillemé-Brulon, concedeu Monsenhor Escrivá de Balaguer, Fundador e Presidente Geral do Opus Dei.

**PERGUNTA:** *Algumas pessoas têm afirmado às vezes que o Opus Dei é organizado internamente segundo as normas das sociedades secretas. Que deve pensar-se de tal afirmação? Poderia dar-nos, a propósito disto, uma ideia da mensagem que desejou dirigir aos homens do nosso tempo ao fundar a Obra em 1928?*

**RESPOSTA:** Desde 1928 não tenho deixado de pregar que a santidade não está reservada a privilegiados, que todos os caminhos da terra podem ser divinos, porque o cerne da espiritualidade específica do Opus Dei é a santificação do trabalho. É preciso acabar com o preconceito de que os fiéis correntes não podem senão limitar-se a ajudar o clero, em apostolados eclesiais; e fazer notar que, para alcançar este fim sobrenatural, os homens têm necessidade de serem e de se sentirem pessoalmente livres, com a liberdade que Jesus Cristo ganhou para nós. Para pregar e ensinar a praticar esta doutrina, nunca tive necessidade de segredo algum. Os membros da Obra detestam o segredo, porque são fiéis correntes, pessoas exactamente iguais às outras: ao entrarem para o Opus Dei não mudam de estado. Repugnar-lhes-ia trazer um letrado nas costas que dissesse: «Reparai que estou dedicado ao serviço

de Deus». Isto não seria nem laico nem secular. Mas os conhecidos e amigos dos membros do Opus Dei sabem que eles fazem parte da Obra, porque o não dissimulam, ainda que o não apregoem.

**PERGUNTA:** *Poderia traçar um rápido esquema da estrutura do Opus Dei à escala mundial e da sua articulação com o Conselho Geral a que preside em Roma?*

**RESPOSTA:** O Conselho Geral tem o seu domicílio em Roma, independente para cada Secção: a de homens e a de mulheres («Anuário Pontifício» 1966, págs. 885 e 1226); e em cada país existe um organismo análogo, presidido pelo Conselheiro nessa nação. Não pense numa organização poderosa, estendida capilarmente até ao último recanto do mundo. Imagine antes uma *organização desorganizada*, pois o trabalho dos directores do Opus Dei dirige-se principalmente a fazer com que chegue a todos os seus membros o espírito genuíno do Evangelho — espírito de caridade, de convivência, de compreensão, absolutamente alheio ao fanatismo — mediante uma sólida e adequada formação teológica e apostólica. Depois, cada um actua com inteira liberdade pessoal e, formando de modo autónomo a sua própria consciência, esforça-se por procurar a perfeição cristã e cristianizar o seu ambiente, santificando o seu próprio trabalho, intelectual ou manual, em todas as circunstâncias da sua vida e no seu próprio lar.

Por outro lado, a direcção da Obra é sempre colegial. Detestamos a tirania, especialmente neste governo exclusivamente espiritual do Opus Dei. Amamos a pluralidade: o contrário não conduziria senão à ineficácia, a não fazer nem deixar fazer, a não progredir.

**PERGUNTA:** *O ponto 484 do seu código religioso, Caminho, precisa: «Sê instrumento». Que sentido se deve atribuir a esta afirmação dentro do contexto das perguntas precedentes?*

**RESPOSTA:** *Caminho*, um código? Não! Escrevi em 1934 uma boa parte deste livro, resumindo para todas as almas que dirigia — do Opus Dei ou não — a minha experiência sacerdotal. Não suspeitei que trinta anos mais tarde alcançaria uma difusão tão ampla — milhões de exemplares — em tantas línguas. Não é um livro somente para os sócios do Opus Dei; é para todos, mesmo para os não cristãos. *Caminho* deve ser lido com um mínimo de espírito sobrenatural, de vida interior e de preocupação apostólica. Não é um código do homem de acção. Pretende ser um livro que leva a intimar com Deus e a amá-lo, e a servir a todas as almas: a ser um instrumento — era esta a sua pergunta — como o apóstolo Paulo queria sê-lo de Cristo. Instrumento livre e responsável: aqueles que querem ver nas suas páginas uma finalidade temporal, enganam-se. Não se esqueça que é corrente, nos autores espirituais de todos os tempos, considerar as almas como instrumentos nas mãos de Deus.

**PERGUNTA:** *A Espanha ocupa um lugar de preferência na sua organização? Pode considerar-se como ponto de partida dum programa mais ambicioso ou um simples sector de actividade entre tantos outros?*

**RESPOSTA:** Entre os 65 países em que há pessoas do Opus Dei, a Espanha constitui um país mais e os espanhóis são uma minoria. Geograficamente, o Opus Dei nasceu na Espanha; mas o seu fim é universal desde o princípio. De resto, eu tenho o meu domicílio em Roma há vinte anos.

**PERGUNTA:** *O facto de alguns membros da Obra estarem presentes na vida pública do país, não politizou, de certo modo, o Opus Dei na Espanha? Não comprometem, assim, a Associação e a própria Igreja?*

**RESPOSTA:** Nem na Espanha, nem em nenhum outro sítio! Insisto em que cada um dos sócios do Opus Dei trabalha com plena liberdade e sob a sua responsabilidade pessoal, sem comprometer nem a Igreja nem a Obra, porque não se apoiam nem na Igreja nem na Obra para realizarem as suas actividades pessoais.

Pessoas formadas numa concepção militar do apostolado e da vida espiritual tenderão a ver no trabalho livre e responsável dos cristãos um modo de actuar colectivo. Mas digo-lhe, como não me tenho cansado de repetir desde 1928, que a diversidade de opiniões e de comportamentos no terreno temporal e no campo teológico opinável não constitui problema algum para a Obra: a diversidade que existe e existirá sempre entre os membros do Opus Dei é, pelo contrário, uma manifestação de bom espírito, de vida honesta, de respeito pelas opiniões legítimas de cada um.

**PERGUNTA:** *Não lhe parece que em Espanha, e em virtude do particularismo inerente à raça ibérica, um certo sector da Obra poderia ser tentado a utilizar o seu poder para satisfazer interesses particulares?*

**RESPOSTA:** Levanta uma hipótese que me atrevo a garantir que nunca se apresentará na nossa Associação, não só porque nos associamos *exclusivamente* para fins sobrenaturais, mas ainda porque, se alguma vez um membro do Opus Dei quisesse impor, directa ou indirectamente, um critério temporal aos outros, ou servir-se deles para fins humanos, seria expulso sem contemplações, porque os outros sócios se revoltariam legitimamente, santamente.

**PERGUNTA:** *Na Espanha o Opus Dei orgulha-se de reunir pessoas de todas as classes sociais. Esta afirmação é válida também para o resto do mundo ou deve admitir-se que nos outros países os membros do Opus Dei procedem antes de meios ilustrados, como os estados maiores da Indústria, da Administração, da Política e das Profissões Liberais?*

**RESPOSTA:** De facto pertencem ao Opus Dei, tanto na Espanha como em todo o mundo, pessoas de todas as condições sociais: homens e mulheres, velhos e jovens, operários, industriais, empregados, camponeses, representantes das profissões liberais, etc. A vocação é Deus quem a dá e para Deus não há acepção de pessoas.

Mas o Opus Dei não se orgulha de coisa nenhuma: não é às forças humanas que as obras de apostolado devem o seu crescimento, é ao

sopro do Espírito Santo. Numa associação com fins temporais, é lógico publicar estatísticas que ostentem o número, a condição e as qualidades dos sócios, e assim costumam fazer as organizações que buscam prestígio temporal; mas este modo de actuar, quando se procura a santificação das almas, favorece a soberba colectiva: ora Cristo quer a humildade para cada um dos cristãos e para os cristãos todos.

*PERGUNTA: Qual é a situação actual do desenvolvimento da Obra na França?*

*RESPOSTA:* Como lhe dizia, o governo da Obra em cada país é autónomo. A melhor informação sobre o trabalho do Opus Dei na França, pode obtê-la perguntando-o aos directores da Obra nesse país.

Entre as actividades que o Opus Dei realiza corporativamente pelas quais responde como tal, há residências de estudantes — como a *Résidence Internationale de Rouvray*, em Paris; a *Résidence Universitaire de L'Ile-Verte*, em Grenoble — centros de reuniões e convívios — como o *Centre de Rencontre Couvrelles*, no departamento de L'Aisne — etc. Mas recorde-lhe que as obras corporativas são o que menos importa; o trabalho principal do Opus Dei é o testemunho pessoal, directo, que os seus membros dão no ambiente do seu trabalho. E para isso a enumeração não serve. Não pense no fantasma do segredo. Não! As aves que sulcam o céu não são um segredo e a ninguém passa pela cabeças contá-las.

*PERGUNTA: Qual é a situação actual da Obra no resto do mundo, especialmente no mundo anglo-saxão?*

*RESPOSTA:* O Opus Dei encontra-se tão à vontade na Inglaterra como no Quênia, na Nigéria como no Japão; nos Estados Unidos como na Áustria, na Irlanda como no México ou na Argentina: em cada lugar é o mesmo fenómeno teológico e pastoral, enraizado nas almas do país. Não se baseia numa cultura determinada nem numa época concreta da história. No mundo anglo-saxão, o Opus Dei tem, graças à ajuda de Deus e à colaboração de grande número de pessoas, obras apostólicas de diversas espécies: *Netherhall House*, em Londres, que presta especial atenção aos estudantes afro-asiáticos; *Hudson Center*, em Montreal, para a formação humana e intelectual de raparigas; *Nairana Cultural Center*, que se dirige aos estudantes de Sydney... Nos Estados Unidos, onde o Opus Dei começou a trabalhar em 1949, podem mencionar-se: *Midtown*, centro para operários num bairro do coração de Chicago; *Stonecrest Community Center*, em Washington, destinado à formação de mulheres que carecem de preparação profissional; *Trimount House*, residência universitária, em Boston, etc. Uma advertência: a influência da Obra, na medida em que exista em cada caso, será sempre espiritual e de carácter religioso, nunca temporal.

*PERGUNTA: Fontes diversas pretendem que uma inimizade profunda oporia a maior parte das ordens religiosas, e singularmente a Companhia de Jesus, ao Opus Dei. Estes boatos têm algum fundamento*

*ou fazem parte desses mitos que o público alimenta quando não conhece bem algum assunto?*

*RESPOSTA:* Embora não sejamos religiosos nem nos pareçamos aos religiosos — nem há autoridade no mundo que nos possa obrigar a sê-lo — no Opus Dei veneramos e amamos o estado religioso. Todos os dias rezo para que todos os veneráveis religiosos continuem a oferecer à Igreja frutos de virtudes, de obras apostólicas e de santidade. Os boatos de que se falou são... boatos. O Opus Dei contou sempre com a admiração e a simpatia de inúmeras ordens e congregações, particularmente dos religiosos e das religiosas de clausura, que rezam por nós, nos escrevem com frequência e dão a conhecer a nossa Obra de mil e uma maneiras, porque se dão conta da nossa vida de contemplação no meio dos afazeres da rua. O secretário geral do Opus Dei, *D. Álvaro del Portillo*, conhecia e estimava o anterior Geral da Companhia de Jesus. O actual Geral, o *Padre Arrupe*, conheço-o eu e estimo-o, e ele a mim. As incompreensões, se as houvesse, demonstrariam pouco espírito cristão, porque a nossa fé é de unidade, não de rivalidades e de divisões.

*PERGUNTA: Tive oportunidade, Monsenhor, de ouvir as respostas às perguntas que lhe fazia um público de mais de 2000 pessoas, reunidas há ano e meio, em Pamplona. Nessa altura insistia na necessidade de que os católicos se comportem como cidadãos livres e responsáveis, e «de que não vivam de ser católicos». Que importância e que projecção dá a esta ideia?*

*RESPOSTA:* Sempre me incomodou a atitude daqueles que fazem de *chamar-se católicos* uma profissão ou daqueles que querem negar o princípio da liberdade responsável, sobre o qual assenta toda a moral cristã.

O espírito da Obra e o dos seus membros é servir a Igreja e todas as criaturas sem se servir da Igreja. Gosto que o católico traga Cristo, não no nome, mas na conduta, dando real testemunho de vida cristã. Repugna-me o clericalismo e compreendo que, ao lado de um anticlericalismo mau, exista um anticlericalismo bom, que procede do amor ao sacerdócio, que se opõe a que o simples fiel ou o sacerdote se sirva de uma missão sagrada para fins terrenos. Mas não pense que com isto me declaro contra quem quer que seja. Não existe na nossa Obra nenhuma preocupação exclusivista, mas somente o desejo de colaborar com todos os que trabalham para Cristo e com todos os que, cristãos ou não, fazem da sua vida uma esplêndida realidade de serviço.

De resto, o que importa não é tanto a projecção que tenho dado a estas ideias, especialmente desde 1928, mas a que lhes dá o Magistério da Igreja. Há pouco tempo, o Concílio — com uma emoção, para este pobre sacerdote, que é difícil de explicar — lembrava a todos os cristãos, na Constituição Dogmática *De Ecclesia*, que devem sentir-se plenamente cidadãos da cidade terrena, participando em todas as actividades humanas com competência profissional e com amor a todos os homens, procurando a perfeição cristã, à qual são chamados pelo simples facto de terem recebido o baptismo.